

“Por que eles não comem brioche?”

Agnes Sanfelici¹

RESUMO

*As práticas escriturais de autores das periferias urbanas têm trazido à tona inúmeras problematizações às autoridades da cultura oficial e canônica. O livro *Ninguém é inocente na cidade de São Paulo* (2006), de Ferréz, na força de um testemunho, evoca ‘ficcionalmente’ as experiências vividas por milhares de pessoas das conhecidas e ignoradas ‘margens’. Essa literatura das vidas ‘comunitárias nas periferias urbanas’ leva-nos à perspectiva do reconhecimento da voz do outro a partir de dados de experiência de sobreviventes de espaços marginais e marginalizados. A proposta é de analisar a narrativa testemunhal “Pão doce” do livro *Ninguém é inocente na cidade de São Paulo*, dando enfoque a questões como a da “autenticidade” da voz testemunhal e os processos que se afiguram entre “testemunho” e invenção.*

Palavras-chaves: narrativa, testemunho, periferia

A famosa sentença proferida por Maria Antonieta às vésperas da Revolução Francesa, ao se referir aos clamores da população, quando um conselheiro alertou-lhe sobre a falta de pão para o povo esfaimado: “Por que eles não comem brioche?”, mostra bem como atua, em geral, a elite dirigente, cujas atitudes demonstram falta de visão, desinteresse e distanciamento em relação à realidade da maioria que os cerca.

No livro, *Ninguém é inocente na cidade de São Paulo* (2006), do escritor Ferréz, pseudônimo de Reginaldo Ferreira da Silva, deparamo-nos com narrativas de teor testemunhal sobre a realidade circundante de milhares de vidas que passam muito longe das elegantes padarias que vendem brioche. O testemunho está ligado às funções de memória (curta ou longa) e explicita agenciamentos possíveis na definição da paisagem. O testemunho está sempre repleto de fragmentos de subjetividade, o sujeito fala sobre o que foi percebido por ele. É também marcado pela irrupção de sujeitos de enunciação assinalados pelo silêncio. Em geral, falam e escrevem em nome do grupo que representam².

Nas narrativas do livro *Ninguém é inocente na cidade de São Paulo* o que aparece ressaltado são os estados psicológicos inscritos na subjetividade por experiências ou agenciamentos que marcam a paisagem, os rostos e os esquadrinhamentos que atuam sobre o corpo e seus controles, na significação de uma subjetividade dos sem cidadania, na constituição rizomática da “favela”. A favela é a paisagem, o rosto é o sem cidadania. O testemunho acontece delimitado por essas duas ordens de semiótica.

O rosto emerge, apresenta suas feições, como uma resultante dos agenciamentos e experiências do sujeito (coletivo ou individual). Os agenciamentos coletivos e individuais, que ocorrem na favela, definem os entraves, os limites e os dispositivos disciplinares, isto é, os controles sobre o corpo.

São esses elementos que vão desenhando no “muro branco” (paisagem) os rostos que, emergem do “buraco negro” da subjetividade, onde se processam as formas de subjetivação. Falamos na constituição rizomática da favela, porque não podemos deduzir como esse processo de subjetivação acontece. Damo-nos conta de que algo aconteceu apenas quando novos agenciamentos são estabelecidos. O testemunho é sempre reflexivo, ele é permeado pelo que é exposto na paisagem e pelo que é elaborado subjetivamente (no caso, as experiências). Portanto, no testemunho consideram-se duas ordens de semióticas ou dois sistemas de signos que atuam simultaneamente: os signos presentes na visualização da paisagem favela e os signos subjetivados pela experiência “favela”.

De acordo com a crítica literária Beatriz Sarlo (2007), não há experiência sem narração: a linguagem libera o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou do seu

esquecimento e a transforma naquilo que pode ser comunicado, no *comum*. Na narração, a experiência circunscreve-se em uma temporalidade que não é a de seu acontecer, mas a de sua lembrança³. Ainda, a narração funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variação torna a se atualizar.

O testemunho é em si mesmo uma refutação daquilo que, nas primeiras décadas do século XX, foi dado por alguns como esgotado – a experiência – essa havia encontrado o fim, dado às consequências desastrosas da Primeira Guerra Mundial. É o que Walter Benjamin expõe em “O narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (1994). Contudo, o que se pôde verificar depois da guerra foi a extrema necessidade do testemunho de massas. A experiência é o que chamamos aqui de algo que pode ser posto em relato, algo que não somente se sofre, mas também que se transmite. Então, quando a vítima do acontecimento testemunha, pode se dizer que ocorreu a experiência, como expressão de sua memória-fragmento.

Walter Benjamin se referia ao emudecimento e fim da experiência do sujeito no sentido de que o narrador, ao qual o autor nos remete, seria aquele que sabe exatamente do que fala, e quem o escuta, entende-o sem distanciamento. Na contemporaneidade, é impossível o relato da experiência, no sentido que Benjamin teria dado, isto é, como uma reivindicação da memória como instância de reconstituição do passado.

De certa forma quebrou-se a continuidade da experiência. O passado e a experiência dos velhos não servem de referência às gerações mais jovens ou posteriores. E esse corte na continuação da experiência do mais velho ao mais jovem se explica mais pela aceleração do tempo do que pelo possível emudecimento. As experiências são ininteligíveis aos mais jovens, o tempo presente é marcado por um estranhamento das experiências entre as distintas gerações, essas assinaladas por um caráter de intransferibilidade. Uma crise de autoridade do velho sobre o novo pressupõe novos saberes. O novo se impõe ao velho como qualidade liberadora ou libertadora de recentes saberes fragmentados, linhas de cruzamentos e relações nômades.

A necessidade de testemunhar, relatar a própria vida se torna premente, estão aí os milhares de *blogs* (diários íntimos?) na Internet, a proliferação de narrações “(não)ficcionais” como testemunhos, autobiografias, entrevistas, relatos identitários – a literatura presidiária é um bom exemplo disso.

Os narradores dos contos em *Ninguém é inocente na cidade de São Paulo* falam em primeira pessoa e também em nome de outros, que, por algum motivo, não podem ou puderam falar. Ao testemunharem sobre suas vidas no submundo da favela Capão Redondo, religam fragmentos de suas identidades de favelados, narram o que para muitos parece impossível de se viver. Na expressão de Sarlo (2007, p. 39),

O sujeito não só tem experiências como pode comunicá-las, construir seu sentido e, ao fazê-lo, afirmar-se como sujeito. (...) Se já não é possível sustentar uma Verdade, florescem em contrapartida verdades subjetivas que afirmam saber que aquilo que se considerava oculto pela ideologia ou submerso em processos poucos acessíveis à simples introspecção. Não há Verdade, mas os sujeitos, paradoxalmente, tornaram-se cognoscíveis.

Ferréz marca bem esse aspecto que Sarlo identifica no testemunho, como podemos verificar no fragmento de texto a seguir. Para Ferréz (2006, p.9) suas narrativas são:

Trechos de vida que catei, trapos de sentimentos que juntei, fragmentos de risos que roubei estão todos aí, histórias diversas do mesmo ambiente, de um mesmo país, um país chamado periferia. Pessoas na maioria já falecidas, eternizadas no meu universo. Eternos amigos que continuam a me contar suas histórias, que sempre estão ao meu lado.

As narrativas de teor testemunhal do escritor Ferréz são o compartilhamento de voz com

aqueles que não podem falar porque de algum modo estão mortos, seja literalmente como vítimas do tráfico ou da fome, ou ‘mortos’ como vítimas do desemprego, do abandono e do desamparo. Esses narradores falam evidenciando a “matéria-prima” de quem poderia ser o sujeito em primeira pessoa do testemunho, mas está ausente, por algum motivo. Aquele que testemunha o faz de modo a substituir quem não pode fazê-lo. É um “sobrevivente”, assume a primeira pessoa em lugar de outros, no caso de Ferréz, no lugar dos “manos” que não estão mais por aí. As narrativas de Ferréz registram o horror de um estado de exceção permanente, que muitas vezes escapam à articulação lingüística. Os narradores marginais de *Ninguém é inocente na cidade de São Paulo* são figuras tristes, que transmitem o que viram e viveram. São personagens oprimidas, com vidas interrompidas pela falta de nutrientes materiais e subjetivos.

O narrador-personagem do conto “Pão Doce”, que será aqui analisado, assevera a dureza de seus dias de trabalhador em uma loja de uma rede de mercados como carregador de *pallets*. Ao seu lado trabalha um gerente baiano que vive vigiando-o, sempre em busca de um passo em falso dos funcionários a fim de denunciá-los ao patrão e ocasionar uma possível demissão. Um dia, nos conta o narrador-carregador, depois de descarregar dois caminhões de *pallets* e pensar em parar para descansar, tomar um cafezinho quem sabe, olha em volta e se depara com o olhar fulminante do gerente a lhe dizer: “Se você encostar para descansar, eu vou fuder sua vida, vou comer sua mulher na sua frente.” Histórias no plural e de plurais. Tanto o funcionário quanto o gerente são temerosos, procuram cumprir seus deveres a fim de manterem seus respectivos empregos. Essa idéia é reafirmada no decorrer da narrativa, quando é chamada a atenção do gerente pelo dono do estabelecimento para o fato de que o funcionário-carregador de *pallets* encontra-se em um estado de higiene pessoal deplorável. O gerente pede desculpa ao chefe e comenta: “É, doutor, infelizmente a gente avisa para eles manterem a higiene pessoal, mas esse povo é meio burro.” (FERRÉZ, 2006, p.32). Em seguida manda o funcionário tomar um banho e botar um perfume.

Embora o gerente baiano encontre-se em posição diferente da do carregador de *pallets*, ainda assim é possível atestar a favor de sua fragilidade como empregado. Por um lado se coloca como não fazendo parte do ‘povo’ e de sua ignorância, ao comentar com o dono do estabelecimento que sempre avisa para ‘eles’ manterem sua higiene pessoal. Por outro lado, pede humildemente desculpa ao patrão pelo fato dos empregados não se apresentarem dignamente limpos e cheirosos.

O carregador de *pallets*, humilhado com o evento, obedece ao gerente e toma um banho de dez minutos e usa nas axilas um desodorante emprestado pelo açougueiro. Veste as suas mesmas roupas sujas e sai pelos corredores do mercado lembrando que é final do mês, mal conseguindo conter as lágrimas que lhes caem pelo rosto.

O teor testemunhal da narrativa “Pão doce” se dá em duas instâncias - *testis* e *superstes*. Em *superstes* porque o narrador conta o que se passou com ele, e em *testis* porque o narrador também fala do que viu ocorrer com outros durante o processo.

O carregador de *pallets* inicia sua narrativa comentando que acorda sempre às seis da manhã, e naquele dia, o dia em que foi tremendamente humilhado em seu local de trabalho, tinha acordado às seis e vinte, tomado às pressas o ônibus super lotado e que ao passar por uma moça dentro do transporte tinha sentido uma forte fígada no pênis, que em seguida murchou ao lembrar-se de um noticiário sobre um tarado que levava 50 estocadas de estilete na cadeia. Ainda dentro do ônibus, lembra da discussão que tivera com a esposa na noite anterior e diz ter percebido que para elas, as mulheres, “não basta elas terem nosso tempo, nosso corpo, elas querem mais, elas querem nossa alma.”, (FERRÉZ, 2006, p.29).

Tanto a mulher como o gerente (e o patrão) se apresentam para o carregador de *pallets* como partes do mesmo sistema predatório. O narrador se depara com ele mesmo como vítima das contingências e disciplinas desse sistema. É submetido pelo sistema que o domina e o reprime, suas tentativas de iniciativa são coibidas pelo gerente, por sua mulher, pelo patrão.

O narrador, ainda que de forma inconsciente, testemunha em círculos, não sai do lugar, carrega em si a impossibilidade de enfrentamento com essa zona de exclusão em que se encontra aderido em profundidade. Embora consiga, ao sair do banho, imposto pelo gerente, ‘fugir’ pelas ruas da cidade e ver a claridade, a luz do dia, ou seja, consiga abandonar o emprego devido à tremenda humilhação sofrida, em seguida, como nos relata, é obrigado pela mulher a retornar ao local de trabalho para pedir seus direitos, ou ao menos uma cesta básica, que obviamente é negada com a seguinte afirmação: “Você não tem direito”, (FERRÉZ, 2006, p.33).

Ao narrar sobre fatos que ocorreram com ele próprio e com outros em seu local de trabalho, mostra-nos como funciona, para ele, o sistema de ‘direitos’ para os ricos e para os pobres. Depois de trabalhar quatro horas ininterruptas carregando e descarregando os *pallets*, o narrador-personagem pára para pensar na possibilidade de comer algo. Mas logo desiste, no mercado há vários tipos de comidas, como ele mesmo afirma, contudo, “se nos virem comendo é justa causa.”, (FERRÉZ, 2006, p.30). Pode ser o que for, um grão de feijão, de qualquer forma o funcionário está demitido por justa causa. Uma vez, nos conta o narrador, um funcionário foi pego comendo uma goiaba e o mandaram embora na mesma hora por justa causa. O rapaz tinha dezoito anos, um filho recém nascido, e a carteira de trabalho suja, “nunca mais arruma emprego na vida. Era mais justo se dessem um revólver para ele junto com a devolução da carteira de trabalho”, (FERRÉZ, 2006, p.30).

“Pão doce” expõe uma situação limite, de desesperança no processo de humanização da sociedade. Além disso, é próprio da literatura, sobretudo da literatura de testemunho, trabalhar em espaços de fronteira, de limites, em que se abre um espaço de auto-reflexão da linguagem como uma máquina “não tanto de ‘representar’ o ‘real’, mas de dar forma a ele”, (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.375).

As estratégias ficcionais de “Pão doce” remetem a uma noção de verdade, não preocupada com a exatidão do relato, mas sim, ou antes, com os processos de elaboração do sentido, seja ele inventado ou descoberto na “construção” do real (O real existe por si. É algo construído de múltiplas perspectivas e tentativas aleatórias).

O testemunho traz em seu cerne o tema da verificação da “verdade”, uma vez que, por definição, ele só existe na área tomada pela possibilidade e pela mentira. Ao estar ligado, de uma forma ou de outra, com a possibilidade da ficção, fica evidenciada a problemática já bastante discutida por todos nós: a impossibilidade de delimitar a fronteira entre ficção e realidade; o testemunho, por sua vez, procura resgatar o que existe de mais trágico no “real” para representá-lo, ainda que para isso se utilize da literatura. A possibilidade de verificação histórica e a imaginação literária se constituem em um espaço de relativização, isto é, em um discurso fronteiriço. De acordo com Seligmann-Silva:

Na literatura de testemunho não se trata mais de *imitação* da realidade, mas sim de uma espécie de “manifestação” do “real”. É evidente que não existe uma transposição imediata do “real” para literatura: mas a *passagem* para o literário, o trabalho do estilo com a delicada trama do som e sentido das palavras que constitui a literatura é *marcada* pelo “real” que resiste à simbolização. Daí a categoria do *trauma* ser central para compreender a modalidade do “real” de que se trata aqui. Se compreendermos o “real” como trauma – como uma “perfuração” na nossa mente e como uma ferida que não se fecha – então fica mais fácil de compreender o redimensionamento da literatura diante do evento da literatura de testemunho. (2003, p.386-387)

É possível desenhar as narrativas de Ferréz dentro de um contexto da literatura de teor testemunhal e trabalhar com alguns aspectos que se afiguram entre testemunho e invenção. Ainda que a voz testemunhal possa ser falseada pelo fantasma da mentira, e que os fatos relatados possam não ter nenhuma comprovação enquanto um documento, a obra de testemunho remete a algo

passível de ocorrência e veracidade. Não se trata de uma invenção, mas de algo que pode ser posto em narração a propósito das representações das formas do “real”.

Como o próprio Ferréz sustenta no manifesto de abertura de “Literatura Marginal”, “estamos na área, e já somos vários, e estamos lutando pelo espaço para que no futuro os autores do gueto sejam lembrados e eternizados”, (2004, p.36). Sua escritura está aí e na medida em que se movimenta mostra sem distinções a força do testemunho, a vontade documental e a ficcionalização de suas próprias experiências no “país chamado periferia”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] BENJAMIN, Walter. O narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia, técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-211.
- [2] CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.
- [3] DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Introdução: rizoma. In: *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995, p.11-37.
- [4] DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Ano zero – Rostidade. In: *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto ET alii. Rio de Janeiro: Ed 34, 1996, p.31-61.
- [5] ESLAVA, Fernando Vilarraga. Literatura marginal: o assalto ao poder da escrita, *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, nº 24, Brasília: Editora Positiva, julho/dezembro de 2004, p.35-51.
- [6] FERRÉZ. *Ninguém é inocente na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- [7] SARLO, Beatriz. *Tempo passado – cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d’ Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- [8] _____. *Tiempo presente – notas sobre el cambio de uma cultura*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2006.
- [9] SELIGMANN-SILVA, Márcio (org). *História, memória e literatura – O testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- [10] RODRIGUEZ, Benito Martinez. O ódio dedicado: algumas notas sobre a produção escrita de Ferréz, *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, nº 24, Brasília: Editora Positiva, julho/dezembro de 2004, p.53-67.
- [11] ROSSI, Paolo. *El pasado, La memória, El olvido*. Trad. Guillermo Piro. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.
- [12] ZIBORDI, Marcos. Literatura marginal em revista, *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, nº 24, Brasília: Editora Positiva, julho/dezembro de 2004, p.69-88.

¹ Agnes SANFELICI, Doutoranda (bolsista CNPq), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² A crítica literária Beatriz Sarlo afirma que a cena contemporânea é pensada como um espaço em que perambulam inúmeras tribos culturais distintas e instáveis agrupamentos de interesses (pela música, pelo esporte, pela moda, pela sexualidade, pela droga, faixa etária, etc). Há na contemporaneidade apenas grupos que, como em um caleidoscópio, formam diferentes configurações, que duram exatamente o que dura o ato que as convoca. SARLO, Beatriz. *Tiempo presente – notas sobre el cambio de uma cultura*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2006, p.21- 22. Ferréz, por exemplo, autodenomina sua produção textual como literatura marginal, uma vez que através desse gesto, procura com os *manos da periferia, favela, guetos*, assumir sua diferenciada identidade cultural, social e artística. Sendo assim,

aglutinam-se tribos e galeras que ‘invadem’ o meio literário e começam a dar vazão às suas próprias experiências como sobreviventes nos espaços marginais e marginalizados da sociedade brasileira.

³ Segundo Beatriz Sarlo “O retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente. Propor-se não lembrar é como se propor não perceber um cheiro, porque a lembrança, assim como o cheiro, acomete, até mesmo quando não é convocada. Vinda não se sabe de onde, a lembrança não permite ser deslocada; pelo contrário, obriga a uma perseguição, pois nunca está completa. A lembrança insiste porque de certo modo é soberana e incontrolável (em todos os sentidos dessa palavra). Poderíamos dizer que o passado *se faz presente*. E a lembrança precisa do presente porque, como assinalou Deleuze a respeito de Bergson, o tempo *próprio* da lembrança é o presente: isto é, o único tempo *apropriado* para lembrar e, também, o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando-se *próprio*. In: Beatriz Sarlo. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Op.cit., p. 10.